

Serie Actas

EDICIÓN:

Rodrigo de Balbín Behrmann

Primitiva Bueno Ramírez

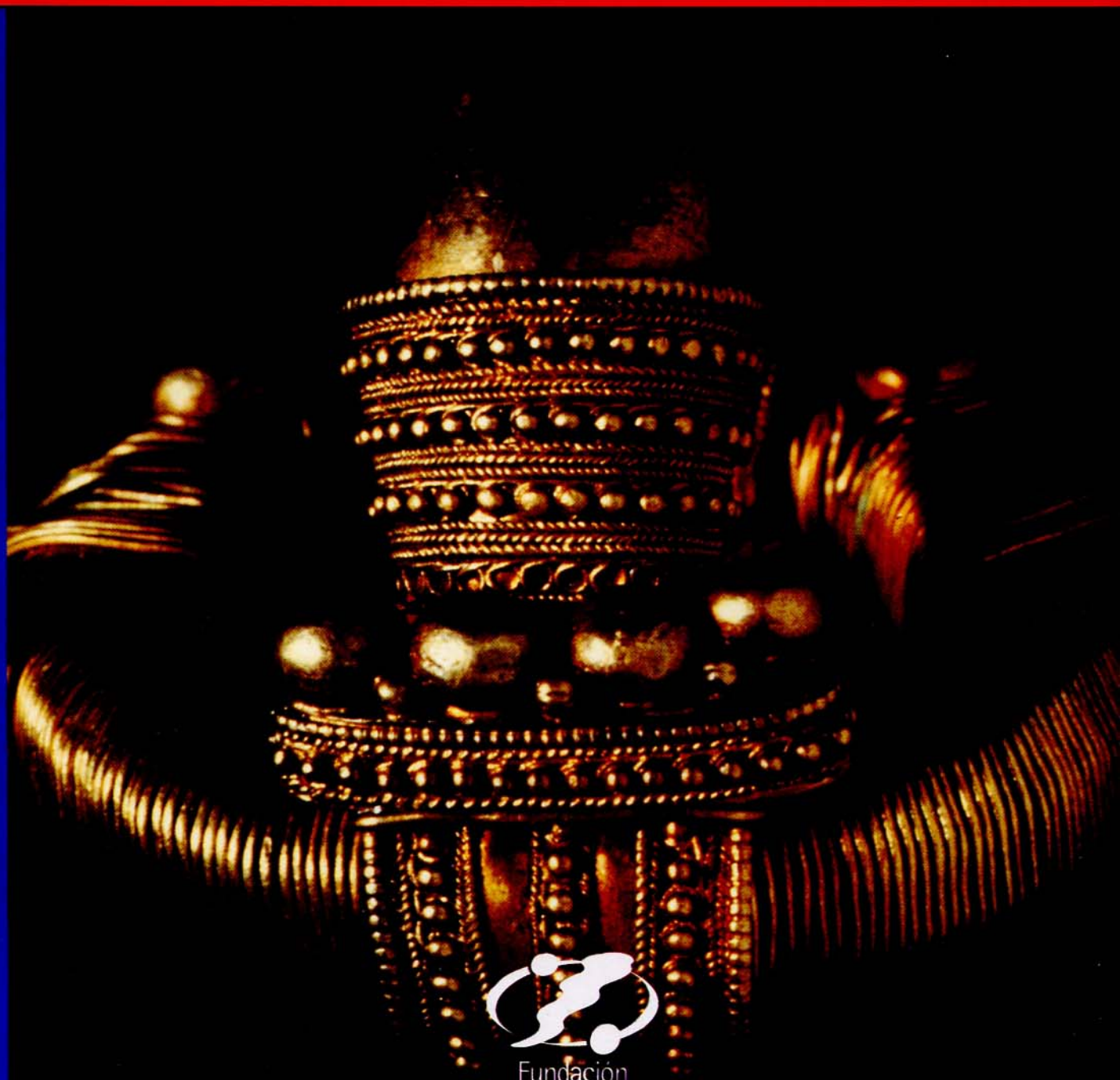
REVISIÓN DE TEXTOS:

José I. Herrán Martínez

II Congreso de Arqueología Peninsular

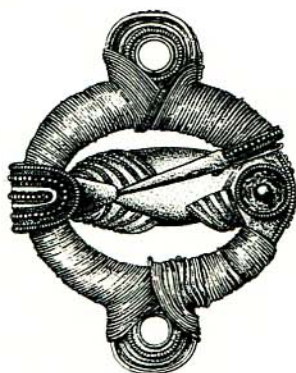
Tomo II - Neolítico, Calcolítico y Bronce

Fundación Rei Afonso Henriques



Fundación

Rei Afonso Henriques



II CONGRESO DE ARQUEOLOGÍA PENINSULAR



NEOLÍTICO, CALCOLÍTICO Y BRONCE

TOMO II

Zamora, del 24 al 27 de Septiembre de 1996

R. DE BALBÍN BERHMANN, P. BUENO RAMÍREZ EDS.



Fundación
Rei Afonso Henriques

1997

Edita: Fundación Rei Afonso Henriques

I.S.B.N. OBRA COMPLETA: 84-89981-00-0

I.S.B.N. TOMO II: 84-89981-01-9

Depósito Legal: ZA - N.º 266 - 1997

Revisión textos: J. I. HERRÁN MARTÍNEZ

Secretario de Sección: J. J. ALCOLEA GONZÁLEZ

Transcripción Debates: P. JIMÉNEZ, A. ALCOLEA y R. de BALBÍN

Imprime:

HERALDO DE ZAMORA, artes gráficas

Santa Clara, 25

49014 ZAMORA

Dos cacos e dos vasos. O “Castelo Velho” de Freixo de Numão, na charneira do IIIº/IIº mil. a.C.

I. J. BOTELHO

Resumo: Tendo por referência o texto homónimo da Dissertação de Mestrado da autora, o presente artigo pretende ser uma reflexão crítica sobre o mesmo, debruçando-se sobre a diacronia do povoado fortificado de Castelo Velho (Freixo de Numão/Vila Nova de Foz Côa). Mormente incidirá na passagem entre os seus níveis de ocupação Cast.VI. II (Calcolítico) e Cast.VI. III (I. Bronze) –que, com base nas datas de C¹⁴ obtidas até 1993, terão recobrido o lapso de tempo entre 2250 e 1450 a. C. (ou entre 2900 e 1700 A.C. cal.)–, a partir do estudo das suas amostras cerâmicas recolhidas durante as campanhas de 1991 e 1992.

Aí, atender-se-á sucintamente às variações das proporções de tipos nas distribuições consideradas, a saber: *morfológicas* e *estilísticas*. Mas também, numa perspectiva de perpétua dinâmica na criação dos depósitos arqueológicos, pretender-se-á reflectir sobre o real alcance das *estatísticas descritivas e inferenciais* na interpretação das continuidades e descontinuidades em Arqueologia, aqui pela confrontação daquelas quantificações com os dados estratigráficos e espaciais do registo.

Palavras-chave: Variabilidade. Estatísticas descritivas e estatísticas inferenciais. Espaços e estratigrafias.

I. INTRODUÇÃO

Pelos seus materiais logo à partida conectável com a ambiência cultural do IIIº/IIº mil. a.C., o povoado fortificado de Castelo Velho foi descoberto nos anos 80, tendo sido intervencionado pela primeira vez em 1989, por Susana Oliveira Jorge, da Faculdade de Letras do Porto, campanha esta a que se seguiram mais seis, realizadas continuamente entre aquele ano e o de 1994.

Desde cedo dada a conhecer à comunidade científica, esta estação foi objecto de várias comunicações apresentadas ao Iº Congresso de Arqueologia Peninsular, ocorrido no Porto, em Outubro de 1993. Nas suas

actas, constam artigos dedicados não só à descrição das suas estruturas e materiais, e integração cronológico-cultural, como abarcam já as suas vertentes antracológica, zooarqueológica e de prospecção geofísica.

Entretanto, o estudo do seu espólio artefactual desde o início que vem sendo objecto de sucessivas teses para a obtenção do grau de Mestrado, apresentadas à Faculdade de Letras do Porto, entre as quais a da autora, cuja revisão sintezada se pretende com esta comunicação. No cerne estará a passagem entre os seus níveis de ocupação Cast.VI. II (Calcolítico) e Cast. VI. III (I. Bronze), a partir do estudo das suas amostras cerâmicas recolhidas, respectivamente, na camada 3 e na camada 2, durante as campanhas de 1991 e 1992 que recobriram uma área de 381 m², dispersa por vários pontos do povoado.

Antes porém, apresentar-se-ão algumas notas introdutórias, com vista a um enquadramento geral, podendo informação mais detalhada ser obtida na bibliografia já publicada e, porventura, noutra vinda a lume neste Congresso.

II. OS DADOS ARQUEOLÓGICOS

1. CASTELO VELHO E SEU ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

Este povoado encontra-se situado em pleno Alto Douro Sul, na freguesia de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa, possuindo como coordenadas geográficas 41º1'16" Lat. N e 1º56'22" Long.E.Lx.

Morfológicamente, ocupa um circunscrito espaço no cume de um morro remate de esporão, por cujo sopé correm as ribeiras dos vales das Ameixoeiras e da Rata, ambas integrando a rede hidrográfica do Douro. Dali domina vasta paisagem que se situa no prolongamento Ocidental da Meseta Ibérica, encontrando-se a c. 230 m acima do Vale da Vila, e cifrando-se a sua altitude absoluta em 681 m acima do nível do mar.

Na orografia da região, destaca-se ainda o *graben* da Vilarica, fractura geológica à qual, segundo a nota explicativa da Folha 15A, da *Carta Geológica de Portugal* (1991:42), se encontra associada “*sismicidade histórica e recente, nesta região(...)*”.

Segundo a *Carta de Solos...*, do ponto de vista pedológico, Castelo Velho é genericamente abrangido por uma mancha de leptossolos éutricos e órticos de xistos, isto é, solos que assentam em rocha dura, coerente e contínua, situada a pouca profundidade, e sem horizonte B. Segundo a Carta de Capacidade de Uso de Solos, ele integra uma mancha de solos de utilização não agrícola, pontuada por solos de classe C.

A este aspecto de generalizada pobreza da natureza dos solos, associada aos rigores climáticos de tipo subcontinental, se deve a nudez monótona da paisagem, salpicada de vegetação arbustiva sub-mediterrânica. Entre outras, crescem a esteva, o rosmaninho, o trovisco, a urze, a giesta e o medronheiro e algumas das espécies actuais foram já identificadas por Isabel Figueiral (1993) nas amostras de carvões exumadas em Castelo Velho, nos seus níveis Calcolítico e Bronze.

Finalmente, da paisagem imediatamente circundante ao povoado sobressai a extensa mancha de eucaliptal plantada bem recentemente e já após a primeira intervenção em Castelo Velho.

2. AS ESTRUTURAS E A ESTRATIGRAFIA DE CASTELO VELHO: PONTO DA SITUAÇÃO

2.1. Castelo Velho IIa e IIb: a segunda ocupação calcolítica

O povoado de Castelo Velho conheceu três fases de ocupação patenteando diferentes graus de conservação e, logo, com diversa expressão no registo arqueológico. Após uma, possivelmente breve e imediatamente anterior, primeira ocupação calcolítica do local, na expressão de Susana Jorge, o seu processo de monumentalização, com vista à progressiva “(...) *visibilização de um espaço reservado*” (Jorge 1994:494), só se iniciou em Cast. VI. II, materializado na **camada 3 (c.3)**, ocupação que remontará ao último quartel do IIIº mil. a.C., tendo perdurado ainda por parte do 1º quartel do IIº mil. a.C.

Para tal, numa primeira fase, começou a edificar-se a “cidadela” fortificada e cercada por um segundo dispositivo, a M2. Estas duas linhas de muralha, documentadas quase ao nível dos alicerces, apresentam dupla face e foram construídas em alvenaria de xisto incorporando pedras de médias e grandes dimensões, ligadas por argamassa de argila e com recheio constituído por pedra miúda e cerâmica fragmentada. Isto

de acordo com o que foi documentado nos seus trabalhos de restauro, durante os quais se recolheram cerca de 200 fragmentos.

Quanto à M1, ela terá à volta de uns 100 m de perímetro, ao longo dos quais a sua largura varia. E se a Oeste, junto à respectiva entrada, ela pode apresentar c. de 2,5 m, na vertente oposta e a Norte ela apenas mede entre 1,20 m e 1,5 m. Esta maior fragilidade aqui contrasta com a sua ainda percepcionável imponência a Sul, onde se adossa ao afloramento, integrando grandes blocos de xisto no seu aparelho. E este aspecto terá tido peso na sua conservação diferencial. É que a Norte, por exemplo, ela encontra-se apenas ao nível dos alicerces, situação para qual terá contribuído o facto de este tramo se encontrar na zona de acesso ao povoado e como tal, possivelmente, mais atreita a perturbação.

O espaço elíptico que ela cinge é acedido por três entradas-orientadas a Norte, Este e Oeste. No seu interior, “sob os auspícios” de uma grande torre central (adossada ao afloramento e de planta sub-circular, completamente arruinada também até aos alicerces), este reduto alberga várias estruturas circulares menores, com embasamento pétreo e no qual assentaria construção de tipo taipa, com argamassa e ramos; e distintas áreas funcionais preservadas tais como *zonas de moagem, área de armazenamento* de produtos de subsistência, a Oeste, *actividade têxtil*, e uma *área de combustão*.

Num segundo momento desta segunda ocupação, terá ocorrido nova fase de monumentalização (Fase II de monumentalização/fase de ocupação Cast. VI. IIb), correspondente à construção de várias estruturas adossadas à M1: um bastião a Norte e provavelmente outro a Leste, e alguns muros radiais, talvez destinados à contrafortagem da M1, fazendo descargas de peso, ora para o interior, ora para o exterior da mesma. Mas mais, nesta segunda fase, terão sido condenadas as portas Norte e Leste, no caso desta última, por meio de cuidadoso aparato que incluía não só dois moinhos inutilizados, no seu enchimento, como era reforçado por murete no seu lado interno. Para isto mesmo parecem apontar as características das acumulações de vestígios materiais registadas nos espaços de circulação com elas articuladas (BOTELHO 1996:147-151).

Para esta ocupação existem duas datas de C¹⁴ publicadas (Jorge 1993:189):

- data nº 3-4110±60 B.P.: (2160±100 a.C.; c. 2889-2490 A.C. cal.);
- data nº 4-3980±60 B.P.: (2030±120 a.C.; c. 2885-2142 A.C. cal.).

2.2. Castelo Velho III. A ocupação Bronze do povoado

De acordo com as datações de C¹⁴ obtidas até finais de 1993, segundo S.O. Jorge, os anos ao redor de 1800 a.C., (ou de 2200 A.C. cal.) terão marcado o ocaso da ocupação Calcolítica e dealbar de Castelo Velho III, já enquadrado dentro da mundividência do Bronze.

De todas as ocupações, esta será a que se afigurará mais problemática na sua interpretação arqueográfica. De facto, conectada com a **camada 2 (c.2)**, a mesma caracteriza-se pelos seus sedimentos castanhos e soltos, misturados com muita pedra de tamanho e com densidade espacial variáveis, podendo tal realidade ter sido fruto de quaisquer re-equacionamentos da estratégia primordialmente defensiva das cinturas de muralha, ou fruto de derrubes por degradação natural das mesmas.

A exumação do nível *in situ* apenas ocorreu a partir de 1991, primeiramente contíguo à face externa da M1, ainda que em espaços muito circunscritos e até ali inéditos nas razoáveis espessuras de sedimentos castanhos e desprovidos de pedrame¹. Aí, nesse espaço extra muros, foi detectada uma estrutura de combustão, na qual se exumaram restos de fauna e cerâmicos, entre os quais fragmentos "Cogeces", e da amostra de carvão aí recolhida foi obtida uma data de C¹⁴ para camada (a data n.º 5 publicada em 1993):

- data n.º 5 - 3570±100 B.P.: (1620±100 a.C.; c. 2200 -1700 A.C. cal.).

Nesta fase de reutilização das grandes estruturas pétreas calcolíticas, continuou-se o programa de monumentalização, o qual entrou na sua *Fase III*. Segundo S.O. Jorge, apenas durante esta terá sido condenada a porta Norte, enquanto que a porta Oeste terá sofrido alterações no sistema de fecho. Prosseguiu também a manutenção da torre central (à qual se adossaram estruturas de difícil interpretação), havendo sido reconstruída a respectiva entrada. Finalmente, em conexão com a M1, ora adossadas à sua face externa, a Oeste, ora intruindo nela pelo lado interno, outras estruturas foram detectadas também de interpretação difícil.

No final desta ocupação, o local terá sido abandonado definitivamente, tendo sido reutilizado como pedreira até recentemente, o que, segundo Susana Jorge (1993:182), terá contribuído "(...) para o aspecto de **verdadeiro caos** de pedras amontoadas que a estação oferecia aquando do início dos trabalhos."

3. CAST.VL. II E CAST.VL. III: OS MATERIAIS CERÁMICOS

Em traços muito gerais, os espólios cerâmicos conectados com Cast.VL. II e Cast.VL. III apresentam algumas dissemelhanças entre si. De facto, para além de quantitativamente as amostras serem muito díspares, excedendo a da c. 3 (7017 ex.) largamente a da c. 2 (2371 ex.), do ponto de vista técnico, as conclusões chegadas, logo desde as análises efectuadas a partir das amostras das primeiras campanhas, foram no sentido da constatação de uma dualidade qualitativa: as pastas consistentes, superfícies cuidadas e boa cozedura (em temperaturas possivelmente excedendo os 700° C) da cerâmica calcolítica vêm contrastando com o menor depuramento técnico da cerâmica do nível de ocupação Bronze, denunciado pelas suas superfícies menos esmeradas no seu acabamento e pastas grosseiras, de texturas menos compactas e matrizes mais granuladas, e sujeitas a processos de cozedura não atingindo os 600° C, situação esta aparentemente ainda mais acentuada nas campanhas de 1991 e 1992.

Igualmente, formal e estilisticamente também se observam dissonâncias acrescidas nestas duas campanhas. É que se, em relação às formas (figs. 1 e 3)², na c. 3, se observa a predominância incontestável de formas simples e entre elas das formas abertas, ou tendencialmente, derivadas de esfera (acumulando os tipos F3 e F4 c. de 45% da distribuição), entre o espó-

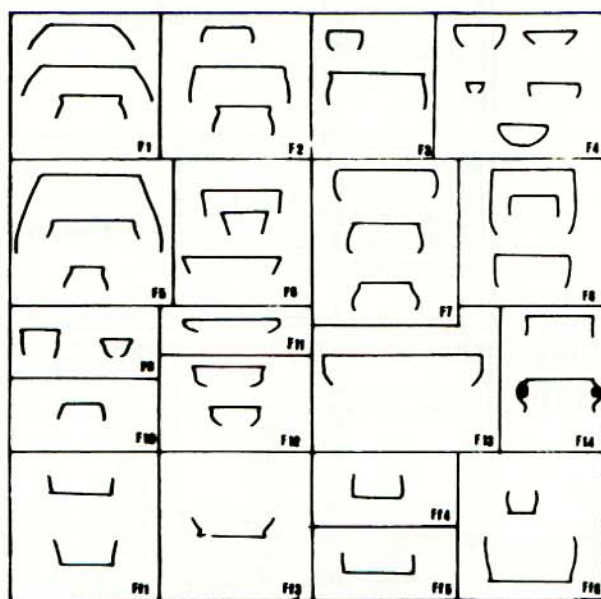


Fig. 1: Quadro de tipos Morfológicos.

¹ Tais espaços localizam-se a sul da Entrada Oeste (quadrículas F7, G7, F8 e G8) e, nas campanhas de 1992, em G10, H10, I10 e J10, no prolongamento para sul daquele espaço; em C10, D10 e E10, no mesmo sector, intra muros; e finalmente, em H'8, S'6 e T'6, na zona leste do povoado.

² As tipologias morfológica e estilística foram elaboradas com base em Cruz 1993, por sua vez seguindo proposta de Jorge 1986.

lio do Bronze, regista-se uma maior variedade de formas, com algum destaque para as compostas e para as que arrancam de fundos planos; e, quanto à decoração (fig.s 2 e 4 e Est. III e IV), no nível calcolítico, destaca-se o domínio absoluto de organizações obtidas a partir da técnica de impressão penteada, nas suas variantes simples e arrastada - também ela com representação hegemónica, entre os 24,3% de cerâmica decorada -, enquanto que, no nível Bronze, apenas 16,4% dos fragmentos são decorados e neles, a par da melhor representatividade das composições levantadas por técnicas plásticas (mamilos, cordões e medalhões digitais), regista-se a presença das temáticas "cogeces" incisas. De resto, à semelhança do que se observa em outros contextos do Bronze Médio da Meseta.

Todavia, nesta apreciação sumária, alguns matizes há a registar, principalmente no que concerne à c.2. É que, em relação a este nível estratigráfico, também desde as primeiras campanhas que é notória a mistura algo equilibrada de materiais bastante diferentes entre si: não só sobressai a elevada proporção de fragmentos penteados (Est. IV, fig.s 9-12), como se destacam os fragmentos lisos cuja tipologia técnica -em geral testemunhando uma boa qualidade de acabamento e pastas de texturas mais consistentes e finas na granulometria da sua matriz -os aproxima dos calcolíticos. Morfologicamente, tende também a verificar-se um certo equilíbrio entre os tipos de tradição mais arraigadamente calcolítica e formas evolucionadas, entre as quais se destacam as de fundo plano, tipos estes que desenvolvem contornos que se enquadram nos tipos

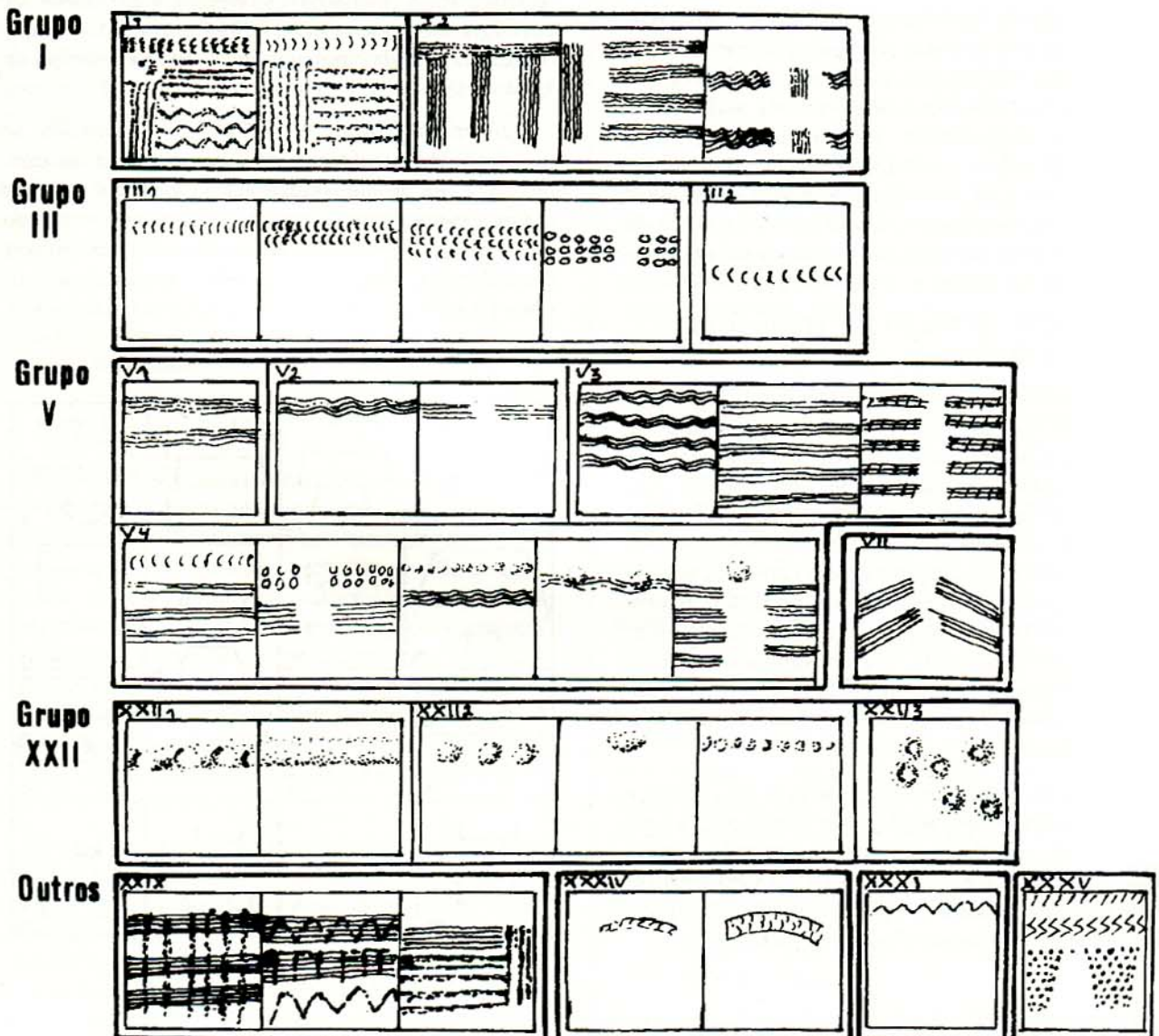


Fig. 2: Quadro de Organizações Decorativas.

F6 e F8 - ou seja, formas altas de paredes verticais oblíquas (tronco-cônicas) ou descrevendo ligeira curvatura (elipsóides verticais)-, com representações razoáveis na c. 3. Sobre estes, ainda um breve apontamento: é que a recíproca desta última asserção não é necessariamente verdadeira, porque entre os recipientes que se enquadram em F6 e F8, alguns que se encontram mais completos indiciam fundo plano-convexo. Ora, se entre os dois tipos de fundo, formalmente ressalta alguma similitude, por trás desta escondem-se diferentes técnicas de manufatura cerâmica, já que os recipientes de fundo plano se constroem a partir da "técnica do rolo". Como curiosidade, refira-se que os fundos plano-convexos foram identificados na c. 3, onde simultaneamente escasseiam os fundo planos, mostrando os raros exemplares afinidades técnicas com os do nível Bronze.

Não obstante, uma aparente dissonância de comportamentos das representações de atributos técnicos e estilísticos, na passagem de níveis inferiores a níveis superiores de análise, ao nível da c. 2, parece ser uma das características mais importantes das amostras cerâmicas exumadas em 1991 e 1992. Ora, tal realidade importa tanto mais sublinhar quanto essa ausência de sintonia, entre o comportamento técnico e estilístico de evidência enquanto "fragmentos" e evidência enquanto "recipientes" se traduz numa aparente degradação diferencial de tipos, dificilmente justificável por razões técnicas. Estas fariam encaminhar precisamente no sentido contrário, uma vez que são os tipos que evidenciam propriedades mecânicas mais fragilizantes os que vêem a sua posição fortalecida entre os recipientes. Traduzida em números, tal realidade expressa-se na

queda da representação da técnica de impressão penteada de c.55% para c.42%, entre os fragmentos decorados, na passagem das amostras de 89/90 para as de 91/92; e, nesta última, daquela cifra para c. 17%, entre as formas reconstituídas decoradas; inversamente, as decorações relevadas sobem de c. 28% entre os fragmentos decorados exumados em 89/90, para c. 44%, nas de 1991/92 e, também nesta última campanha, deste último valor para 69,6%, entre os vasos reconstituídos. Quanto às organizações obtidas por impressão penteada (Grupo V), elas apenas passam a somar 23,8%, enquanto que as organizações relevadas (Grupo XXII) somam 58,7%.³

Refira-se ainda que as campanhas de 91/92 patenteavam importantes variações espaciais ao nível da c. 2, assomando-se como espaços antitéticos as Sanjas Sul e Leste, pelas feições contrastantes dos respectivos espólios: na primeira pelas suas fortes afinidades com os materiais calcolíticos do povoado, e na segunda pela rarefacção destes a par de uma hegemónica representação dos materiais do Bronze.

Contudo, mais do que as novas variações registadas nas campanhas de 91/92, e em relação às primeiras pesquisas efectuadas, o que importa realçar são as variações de proporções, por um lado, entre formas derivadas de esfera e formas desenvolvendo perfis acentuadamente verticais (ou então entre recipientes

³ Esta inversão de tendências de representação, entre técnicas e respectivas organizações também se constata nas amostras estudadas por Dorez Cruz, podendo ser confrontada nas páginas 121-124; 136 e 138 da sua Dissertação.

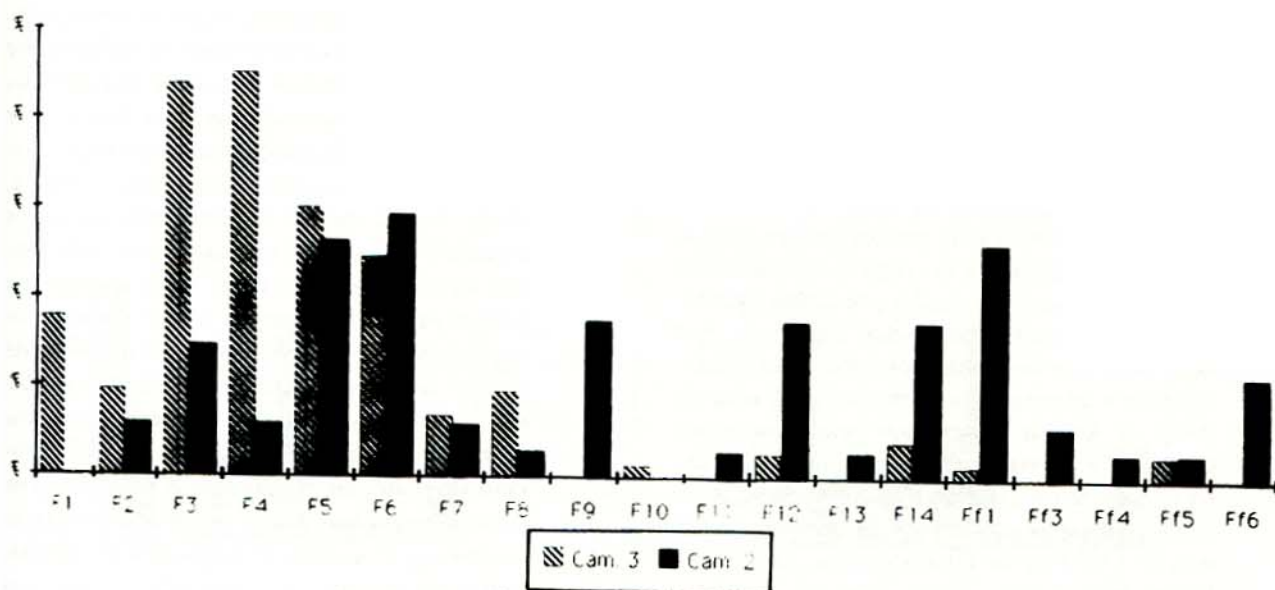


Fig. 3: Castelo Velho 91/92: Distribuição de Tipos Morfológicos.

com fundos arredondados e recipientes com fundo plano); e, por outro lado, entre técnicas decorativas impressas penteadas e técnicas plásticas (e incisais), bem como das organizações por elas materializadas: composições aditivas, com base na alternância de bandas lisas cuidadosamente polidas e bandas de impressões penteadas, e composições de temáticas túrgidas, ora restritas à zona do bordo ora, possivelmente, abrangentes e salpicando todo o corpo da peça.

III. DIMENSÃO DIACRÓNICA DA VARIABILIDADE CERÂMICA DE CASTELO VELHO: SUA ESTATÍSTICA VERSUS ESPAÇO E ESTRATIGRAFIA

1. A ESTATÍSTICA: SUA APLICAÇÃO

A questão que se levanta é a de como interpretar tal situação: se a mesma será justificável pelas perturbações inerentes à dinâmica na criação de qualquer depósito arqueológico, ou se ela é fundamentalmente documentadora de uma situação de continuidade entre Cast. VI. II e Cast. VI. III, traduzida na persistência da linha estilística (estética e morfológica) calcolítica da ocupação prévia, na posterior.

E foi em parte devido àquela situação de associação estratigráfica entre cerâmicas decoradas com impressão de pente e cerâmicas com decorações plásticas e de tipo "Cogeces", que Susana Jorge (1993:193-194) sustentava que "(...) a última ocupação se verificou em continuidade com a anterior; ou seja, o povoado calcolítico terá continuado a ser (permanentemente?) ocupado durante a primeira metade do II^o mil.a.C. (...)", ainda que sem imobilismo cultural (cf. Jorge 1994:467). Isto também certamente tendo em conta os dados entretanto trabalhados por Dorcas Cruz (Cf. Jorge 1993:194, nota 2).

- De facto, embora Dorcas Cruz avance com 3 hipóteses -que, muito genericamente, vão da persistência cultural de tipos calcolíticos, à consideração do peso de distúrbios deposicionais, vinculados a questões de reordenamento do espaço e à presença de processos pós-deposicionais perturbadores do registo (sublinhando estes dois aspectos)-, acaba por aceitar perfeitamente a primeira daquelas hipóteses. Isto com base nos resultados obtidos pelo estudo estatístico efectuado, a partir da aplicação de testes de X^2 , que concluíram pela semelhança estilística e formal entre os espólios exumados na c. 2, extra muros, e na c. 3. Além disso, na c. 2, a distribuição equilibrada dos grupos de formas de F1 a F5 e de F9 a F12, a par da bimodalidade dessa mesma distribuição, em que significativamente os tipos predominantes eram F2 e F9, ou seja, um de tradição calcolítica e outro

de tradição bronze, estariam "(...) de acordo com uma fase de transição em que os tipos novos começam a substituir os tipos provenientes de épocas anteriores, sem, todavia deixarem de ser usados." (Cruz 1993:229), o que é perfeitamente sustentável à luz da seriação frequencial do modelo de mudança cultural de Ford. Este determina que a representação dos tipos, desde que aparecem, vai conhecendo um crescimento gradual até atingir o seu apogeu, momento este a partir do qual regride, descrevendo graficamente as "battleship curves" (Rowlett e Robbins 1982:74; Renfrew e Bahn 1991:107-108).

Segundo Susana Jorge, sinais dessa continuidade seriam, ainda, a inexistência de remodelações estruturais da concepção arquitectónica original, que terá permanecido globalmente intacta até meados do II^o milénio a.C., e, a corroborá-la, especial ênfase é posto na não detecção de qualquer hiato estratigráfico entre as c. 3 e c. 2, e nas datas de C¹⁴, entretanto obtidas. Iniciada c. de 2200 a.C., a ocupação calcolítica teria visto o *terminus* fixar-se por volta de 1800 a.C., altura em que arrancaria o primeiro momento da fase de ocupação Bronze. Estaríamos, assim, na presença de um fenómeno de longa ocupação que, arrancando no Calcólítico Pleno, teria prosseguido em continuidade até, pelo menos, ao fim do Bronze Inicial.

- Novo estudo estatístico do teste de X^2 foi efectuado pela presente autora, com base na amostra de 91/92, contando com os índices de χ^2 e V^2 de Cramer e aplicado a variáveis morfológicas, estilísticas e técnicas, e em comparações inter-camadas, inter-campanhas e inter-quadrículas. Tal estudo, ao contrário do realizado por Dorcas Cruz, concluiu por uma diferenciação estatística entre as amostras das c. 3 e c. 2, por uma diferenciação também clara entre as amostras da cam. 2 exumadas em 89/90 e 91/92, e, ainda dentro destas últimas campanhas, por amostras exumadas em quadrículas diferentes. Isto ao nível dos testes de X^2 , onde se obtiveram valores muito expressivos muito embora, por vezes, bastante contrastantes com os valores de χ^2 e V^2 de Cramer. Tendo em conta tais resultados, bem como os dados arqueográficos relacionados com a estratigrafia, distribuições espaciais de materiais e à já aludida dissonância de comportamentos entre evidência enquanto fragmento e evidência enquanto recipientes, defendeu-se uma perspectiva oposta: tais variações testemunhariam antes distorções no depósito do nível Bronze.

Todavia, nesta nova aproximação estatística algumas insuficiências há a apontar:

- de facto, verificou-se um erro de interpretação dos valores de χ^2 e V^2 de Cramer. O recurso a estes coeficientes de contingência deveu-se à preocupação em tentar obviar os condicionais impostos pela dependência do teste de X^2 ao tamanho das amostras. Neste sentido, ele foi usado para avaliar os resultados obtidos por aquele teste e, tendo em conta que valores próximos de zero apontam para relações fracas entre as variáveis, considerou-se que resultados de 0,0 para aqueles coeficientes, em testes cujos valores de X^2 concluam pela rejeição de H_0 , se estaria então na presença de erros estatísticos de tipo I. Isto é, havia-se rejeitado a hipótese nula, sendo ela verdadeira. Ora, como nos diz Henry Douanet (*et al.*), (s./d.:250), a estatística do χ^2 pertence ao domínio das estatísticas puramente descritivas, permitindo apenas comparar "(...) tabelas de contingência relativas às mesmas variáveis categorizadas. [E continua], Desde que as frequências relativas marginais não difiram muito de uma tabela para outra, poder-se-á considerar que para a tabela que corresponde ao valor mais elevado de χ^2 , o grau de ligação entre as variáveis é mais elevado."
- mais ainda, regista-se uma grande incongruência na comparação morfológica, pela inclusão num mesmo teste de indivíduos reconstituídos a partir de bordos e outros a partir de fundos. Ora tal implica que haja formas (não indivíduos!) que entram duas vezes na comparação, nomeadamente as que descrevem perfis verticais, com a agravante de que tipos criados em função da abertura e tipos criados a partir do fundo assumem proporções diferenciadas vinculadas às amostras das camadas em causa;

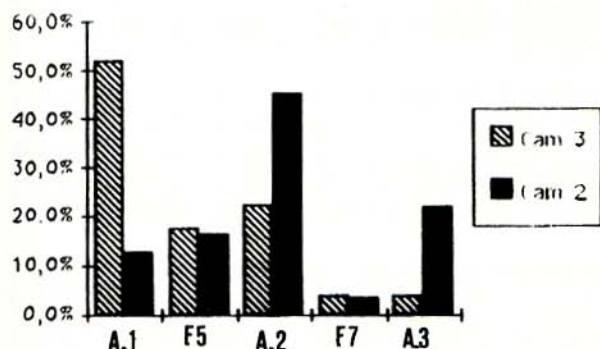


Fig. 4: Castelo Velho 91/92: Distribuição de Organizações decorativas (agrupamentos).

Tendo em conta que na descrição da configuração geral das formas presentes, o fundo tem um peso secundário; e tendo em conta ainda que, se aos diferentes tipos de fundo em questão, estão ligadas técnicas de levantamento das peças diferentes, o programa de testes em causa pretendeu comparar variações de distribuições tipológicas estritamente morfológicas e não morfotécnicas; foram revistos os respectivos testes, após o agrupamento extensivo de tipos semelhantes, criando-se as seguintes associações: A1 - {F3, F4}, A2 - {F6, F8, Ff1, Ff5, Ff6} e A3 - {F12, F14}, (fig.s 5 e 6).

Mesmo assim o resultado de $X^2_{obs.} = 34,4673$ permite concluir por uma clara diferenciação estatística entre a morfologia da cerâmica das c. 3 e c. 2, já que para g.l. = 4, esperava-se $X^2_{0,05} = 9,48773$. Isto apesar da prática do recurso a associações entre categorias contribuir para uma homogeneização entre amostras. Mais ainda, se atendermos às contribuições locais para X^2 [quadro 6 d) e e)], constatamos que elas são muito díspares, cabendo a F5 e a F7 contribuições muito residuais, de facto apenas medianas à associação A.2, e muito fortes às associações A.1 e A.3, que somam 79,9% das contribuições. Mais ainda, refira-se que, embora não se apresentem aqui os dados, tal constatação também é válida para confrontação das distribuições das variáveis estilísticas organizações decorativas e técnicas decorativas.

Assim sendo, tendo em conta as disparidades de contribuições locais para os diferentes valores de $X^2_{obs.}$ considerados, porque não aceitar que estes são justificados não pelos tamanhos das amostras, mas isso sim pelas variações das proporções das distribuições comparadas?

2.A ESTATÍSTICA: SUA INTERPRETAÇÃO

Contudo, não fica resolvida a questão da justificação para a presença de materiais de filiação calcolítica na ocupação Bronze de Castelo Velho. De facto, o

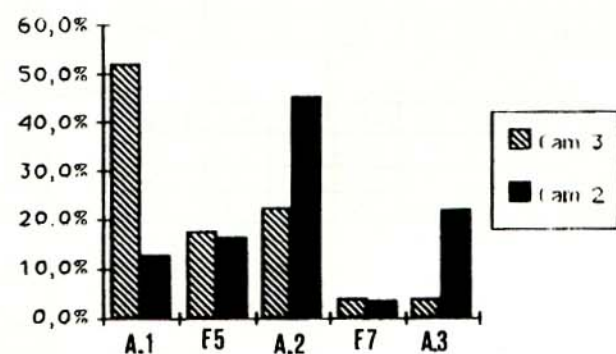


Fig. 5: Castelo Velho 91/92: Distribuição de Tipos Morfológicos (agrupamentos)

que está em causa é o real poder de resolução de questões arqueológicas por meios estatísticos. Como muito bem nos lembram Hodder e Orton (1992:42), e ainda que especificamente a propósito das distribuições espaciais em Arqueologia, mas extensível a quaisquer outras quantificações utilizáveis, "*A identificação é simplesmente, uma ajuda para a interpretação do processo espacial que produz a distribuição.*" E, na verdade, a rejeição estatística de uma qualquer hipótese nula poderá significar, tão-só, o esbatimento do grau de similitude entre duas amostras, expresso na variação proporcional das distribuições das categorias consideradas. Como se dizia acima, isso mesmo está implícito na seriação frequencial do modelo de mudança cultural de Ford.

Na verdade, pese embora a conclusão dos testes estatísticos pela diferença entre as amostras das tipologias morfológicas de Cast.VI. II e Cast. VI. III, (respectivamente, c.3 e c.2), nem por isso também deixa de ser verdade que a grande maioria dos tipos são comuns às duas amostras e que aqueles que são exclusivos de uma ou outra têm representações muito residuais. Formas derivadas de esfera, ovóides, tronco-cónicos, sub-cilíndricos e fundos planos estão presentes numa e outra, abarcando a quase totalidade das amostras e as diferenças da distribuição das proporções podem também significar, apenas, uma evolução em continuidade. Assim se poderia interpretar um certo equilíbrio entre os tipos morfológicos de tradição calcolítica e formas mais evolucionadas, entre as quais se destacam as de fundo plano e de perfil vertical, no nível Bronze de Castelo Velho. No mesmo sentido, em relação ao panorama arqueológico oferecido pela Meseta Norte Espanhola, J.F. Fabián García (1993:162) considera que carenas, fundos planos e bordos decorados podem já ter estado presentes em certos contextos, a partir do Calcolítico Pleno.

Tal seria o caso de *Los Itueros*, com datas de C¹⁴ de 2170±130 a. C. e 1900±100 a.C.

É claro que, em relação às formas, pela sua forte vinculação a questões relacionadas com a funcionalidade, levanta-se sempre o problema do seu grande conservadorismo, podendo os tipos atravessar contextos culturais diversificados e durante longas diacronias.

Estilisticamente, no sentido restrito de "decoreação", as impressões penteadas, as impressões de unha e as decorações relevadas são comuns às amostras consideradas dos dois momentos em causa, podendo a organização dominante no nível Cast.VI. II (V₃), ser considerada como indicadora de um momento avançado dentro do Calcolítico. E se restringirmos a amostra da c. 2 às unidades de escavação onde se terá detectado o nível de ocupação Bronze *in situ*, a decoração penteada conhece ainda uma representação de c. 30%, entre a cerâmica decorada. Neste aspecto, Cast. VI. III seria paralelizável também com Pastoria IIa-b (Chaves), ocupação calcolítica esta que integra decorações penteadas em organizações V₃, em formas tradicionais, e vasos tronco-cónicos com decoração plástica sob o bordo. Segundo Susana Jorge (1986), pelos paralelismos que se podem estabelecer entre esta ocupação e a de Castelo de Aguiar II (Vila Pouca de Aguiar), cronologicamente, ela situar-se-ia nos inícios do II^o mil. a.C.

Mas outros paralelos geograficamente próximos podem ser apontados para esta simbiose entre elementos calcolíticos tradicionais e evolucionados já anunciando e caracterizando o Bronze Antigo da Meseta. Por exemplo, no Alto del Quemado, entre os recipientes decorados, com representação largamente minoritária em relação aos lisos, predominam os temas de pastilhas repuxadas, seguidos dos temas penteados. Isto a par de uma relativa abundância de

a) Frequências Observadas

	A. 1	F5	A. 2	F7	A.3	Total
c. 3	65	22	28	5	5	125
c. 2	7	9	25	2	12	55
Total	72	31	53	7	17	180

c) Frequências Esperadas

	A.1	F5	A.2	F7	A.3	Total
c. 3	50	21,5	36,8	4,9	11,8	125
c. 2	22	9,5	16,2	2,1	5,2	55
Total	72	31	53	7	17	180

b) Frequências Relativas

	A. 1	F5	A. 2	F7	A.3
Cam. 3	52,0%	17,6%	22,4%	4,0%	4,0%
Cam. 2	12,7%	16,4%	45,5%	3,6%	21,8%
Total	64,7%	34,0%	67,9%	7,6%	25,8%

d) Contrib. locais para "qui quadrado"

	A.1	F5	A.2	F7	A.3	Total
Cam. 3	4,5	0,0116	2,1043	0,002	3,9186	10,5365
Cam. 2	10,2272	0,0263	4,7802	0,0048	8,8923	23,9308
Total	14,7272	0,0379	6,8845	0,0068	12,8109	34,4673

e) Proporções das contrib. locais para "qui quadrado"

	A.1	F5	A.2	F7	A.3	Total
Cam. 3	13,06%	0,03%	6,11%	0,01%	11,37%	30,57%
Cam. 2	29,67%	0,08%	13,87%	0,01%	25,80%	69,43%
Total	42,73%	0,11%	19,97%	0,02%	37,17%	100%

Fig. 6: Quadros de distribuições de frequências de Tipos Morfológicos agrupados.

formas carenadas, pouco ou mais do que o habitual em contextos do Calcolítico Final, onde se enquadra este povoado com fosso e muralha. Possuindo-se também datações de C^{14} , as mesmas localizam-no em 2090 ± 80 e 1870 ± 70 , o que permite a S. López Plaza (1994:207) defender para tais materiais "(...) un contexto cultural del Calcolítico final con signos, fundamentalmente en la tecnología o morfología cerámica (buena representación de recipientes carenados), de transición para al Bronce Antiguo de la region." Mais, na fig. 7 do mesmo artigo, pode observar-se a associação de formas evolucionadas carenadas (F12) com pastilhas repuxadas e decoração penteada, situação esta perfeitamente paralelizável na Sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão, em Seia, onde, já no seu nível Bronze, ocorre esta mesma associação de vasos carenados com decoração penteada⁴.

3. ESPAÇOS E ESTRATIGRAFIAS: SUAS DINÂMICAS

Todavia, M. Schiffer, na linha de P. Barker (1977:177-178) lembra também que *especificamente no caso de*

materiais cerâmicos, a intensidade da sua degradação, bem como a expressividade da sua representação, podem ajudar a identificar aqueles materiais "(...) *manufactured, used and deposited at an early time but wich were redeposited in association with later ceramic. Studies along those lines could appreciably reduce problems of cronological analysis encountered with heterogenuous deposit of secundary refuse.*" (Schiffer 1983:683; 1991:276) É claro que estes dois autores chamam também a atenção para um outro aspecto muito importante e que se prende com as justificações técnicas para tal variação.

Precisamente, em Castelo Velho, já vimos como a problemática em causa não é muito facilmente justificável tecnicamente. Mas outros indícios, para além dos apontados, sugerem leituras semelhantes, tal como quando confrontamos os comportamentos espaciais entre os dados cerâmicos relativos às características técnicas (atributos superfícies e pastas) e decorativas, com os dados relativos à distribuição espacial de reconstituições de formas (fig. 8). Verificamos, por exemplo, que ao redor da Torre Central,

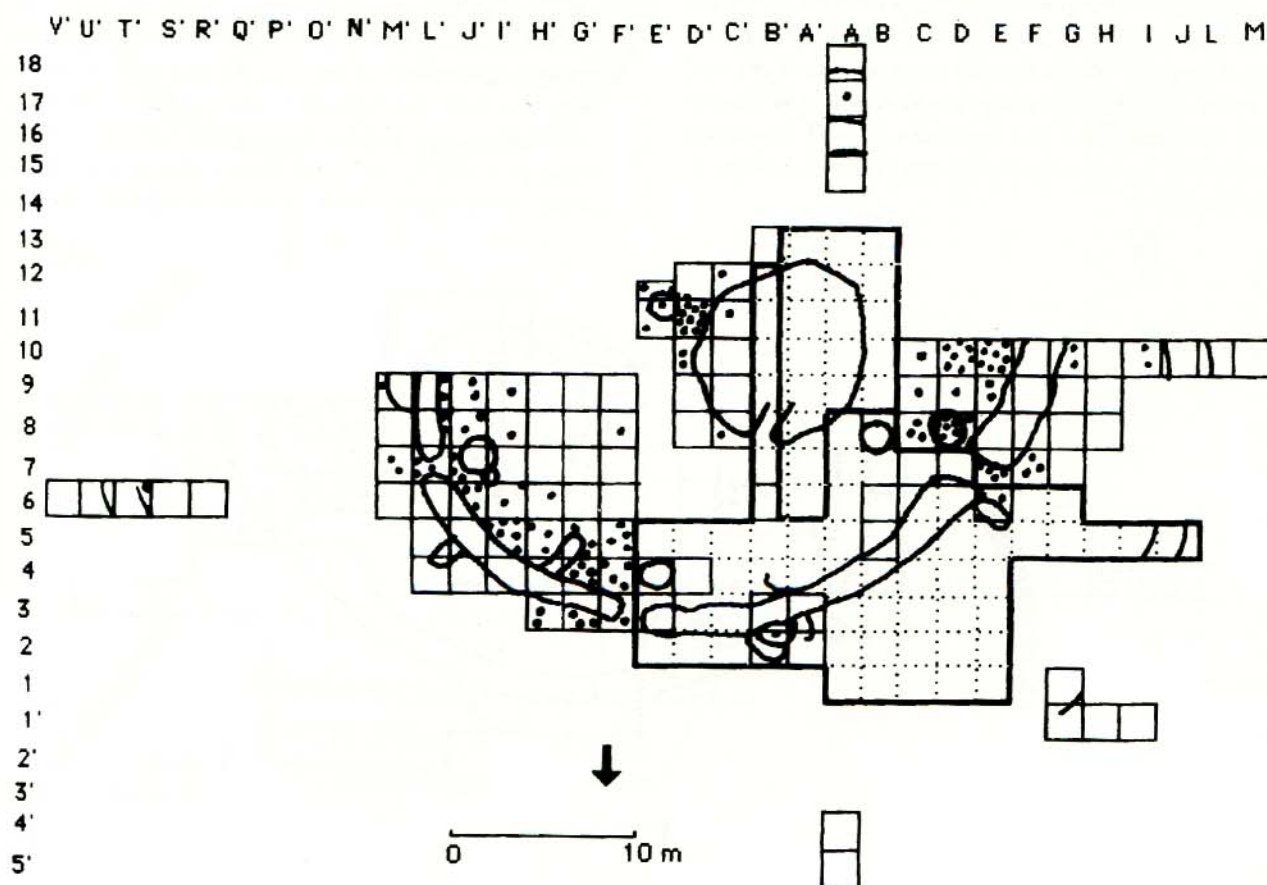


Fig. 7: Camada 3: Distribuição espacial de recipientes reconstituíveis. - Delimitação das campanhas de 1989/1990 e de 1993.

⁴ Senna-Martinez 1993, est. VII.

onde a qualidade cerâmica é melhor (a avaliar pela granulometria e consistência das pastas e tratamento das superfícies), e onde a cerâmica penteada atinge c. 17 % do total da amostra, ao mesmo tempo rareiam os bordos com forma. De resto, à semelhança do que se observa na quadrícula A15 –contígua à face interna da M1, na Sanja Sul–, onde aquela decoração soma 25% do total da respectiva amostra. (A propósito, refira-se que na globalidade da amostra da c. 2 de 91/92, isto é, englobando lisos e decorados, a cerâmica penteada soma apenas 7%). O antípoda desta situação oferece a Sanja Leste. Aí, a cerâmica é muito grosseira nas suas pastas e superfícies e a decoração penteada verdadeiramente residual: apenas foi exumado um espécime, em 205 indivíduos. Todavia, é também aí que se regista uma das maiores concentrações de vasos reconstituíveis da c. 2.

Significativamente podendo explicar esta dicotomia, nesta Sanja Leste a c. 3 revelou-se exígua em materiais: apenas 25 fragmentos foram exumados; e em A15 a grande maioria dos materiais foi exumada *entre pedras*, ou seja, em provável derrube do pano de muralha. E esta situação não pode deixar de remeter com alguma premência para a possibilidade de um peso não negligenciável de factores contribuintes para uma certa contaminação entre as duas camadas, como de resto é indiciado pela existência de colagens entre materiais da c. 3 e materiais da c. 2, nomeadamente com decorações penteadas (vd. reprodução nº 9 da Est. III).

Em Castelo Velho, mesmo subestimando o impacto das condições naturais propiciando uma certa homogeneização dos solos, que, de qualquer forma, se deverão ter restringido às acções da fauna e flora arbustiva locais, restam ainda os factores que a bibliografia devotada a processos deposicionais e pós-deposicionais denomina de “*occupational disturbance*”, abarcando esta quer a circulação quotidiana dos habitantes, quer quaisquer outros revolvimentos culturais, tais como os efectuados para a implantação de novas estruturas.

Por outro lado, quais as repercussões do desmantelamento das estruturas pétreas calcolíticas, na formação do registo?

De facto, quaisquer que tenham sido as suas causas –mas entre as quais se encontrará, por certo, também a **reutilização secular** do morro de Castelo Velho como fonte manancial de pedra para a construção das divisórias de propriedade das cercanias (cf. Jorge 1993:182)–, o mesmo foi acompanhado pela dispersão das pedras do frágil aparelho de alvenaria de xisto, aquelas com concentrações preferenciais junto às estruturas calcolíticas de maior vulto, a saber, muralhas e torre central (Jorge 1993:187), no que também certamente terá sido acompanhado pela dispersão do espólio contido no seu recheio, documentado durante os trabalhos de restauro (Botelho 1996:167). Assim sendo, não poderá este uso do local como pedreira ter sido o grande responsável da associação entre materiais de afinidades calcolíticas com

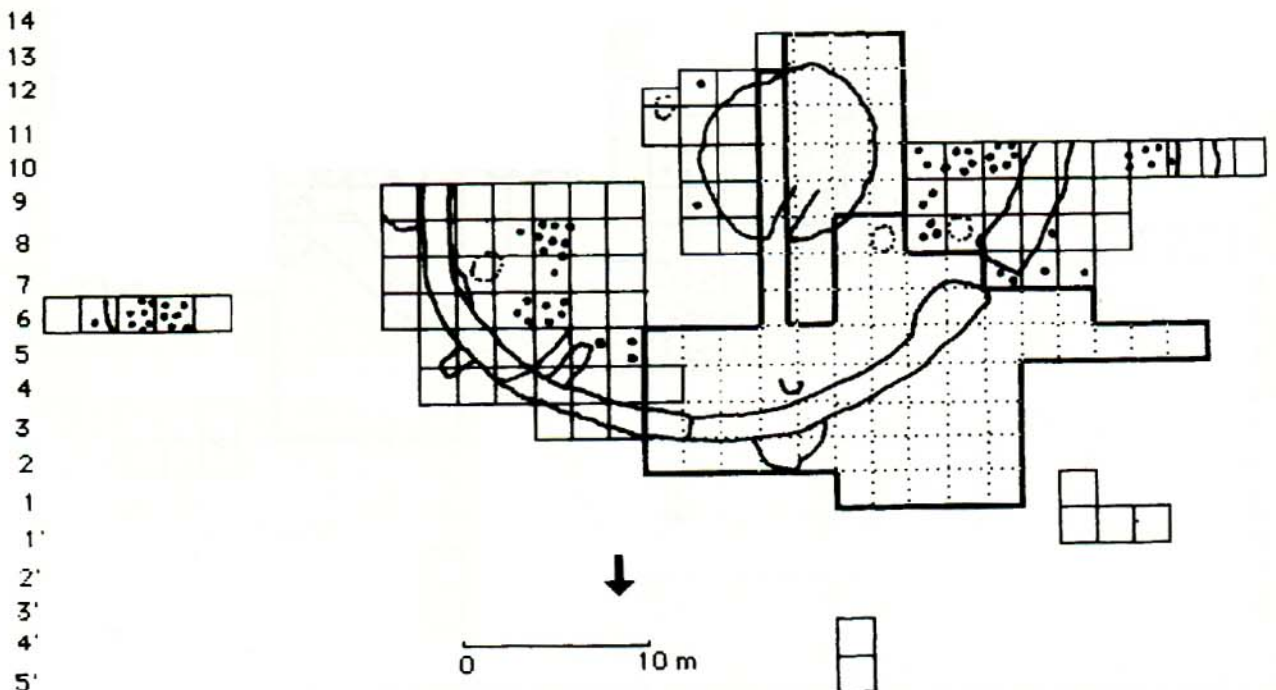


Fig. 8: Camada 2: Distribuição espacial de recipientes reconstituíveis. - Delimitação das campanhas de 1989/1990 e de 1993.

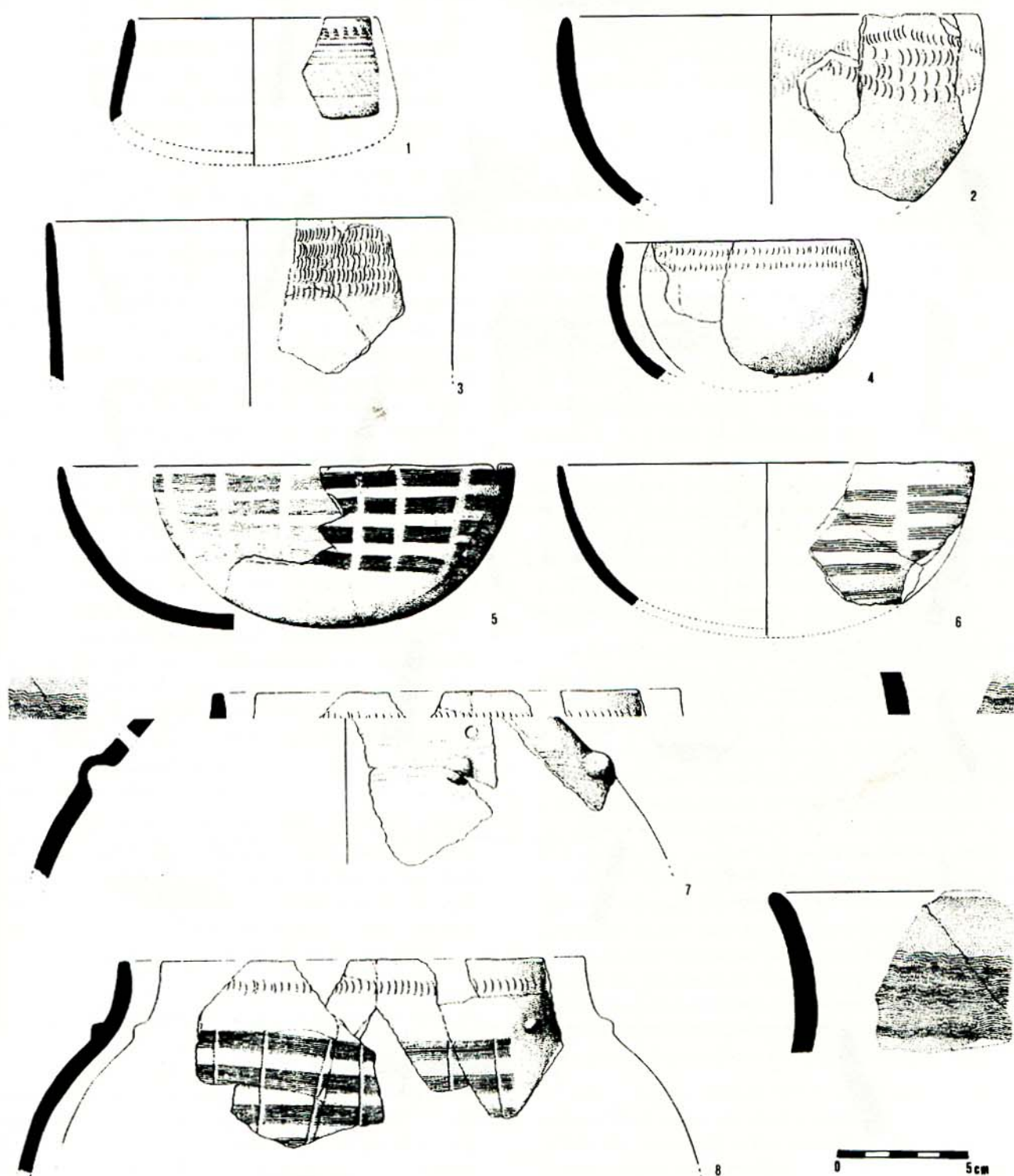


Fig. 9: Recipientes cerâmicos provenientes da Cam, 2 de Castelo Velho (ocupação Bronze).

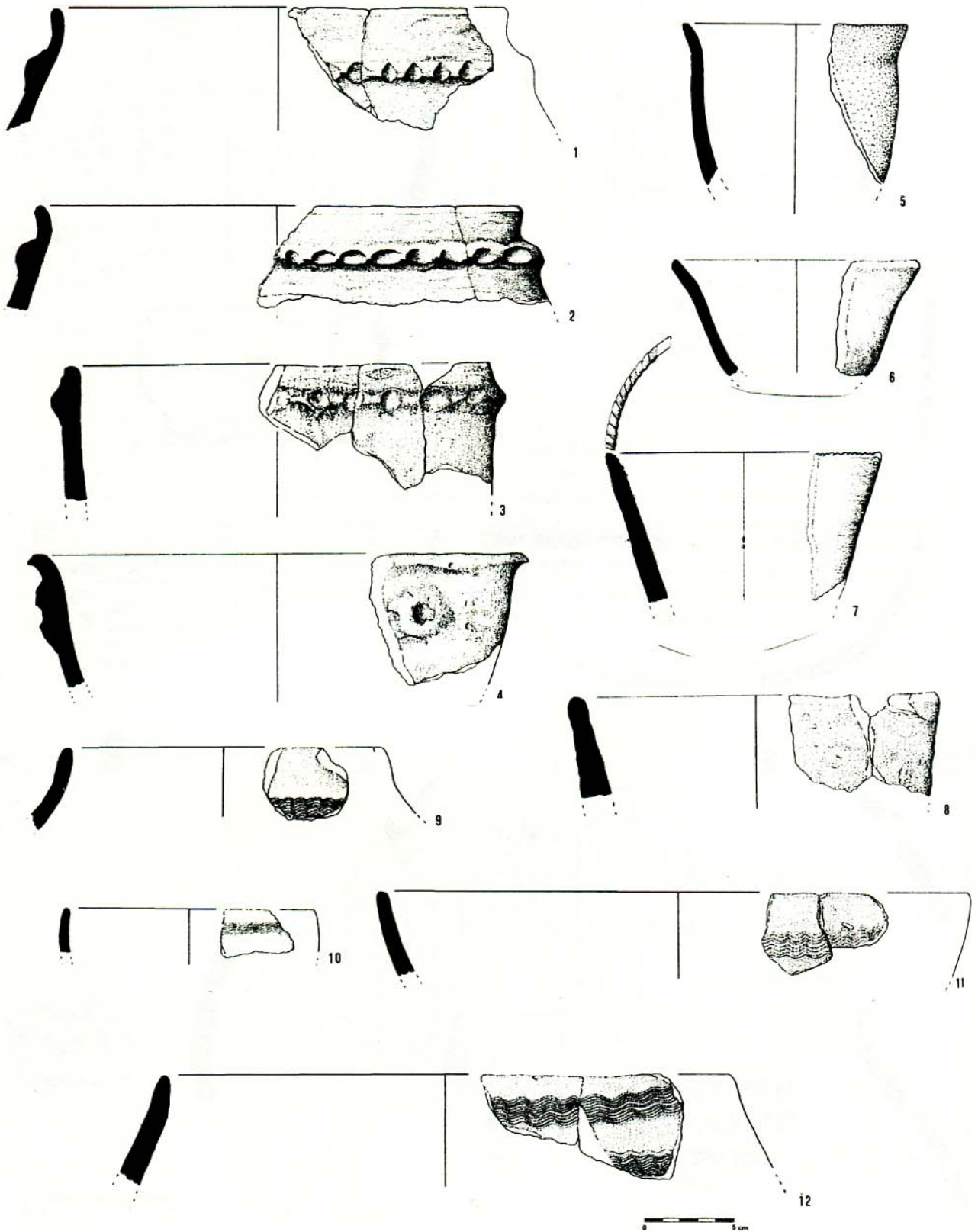


Fig. 10: Recipientes cerâmicos provenientes da Cam, 3 de Castelo Velho (segunda fase de ocupação Calcolítica).

ciação entre materiais de afinidades calcolíticas com outros do Bronze, na c. 2 de Castelo Velho?

Tais impactos podem ter sido agravados pelas características estratigráficas do local e aqui, mais do que as variações de espessura impostas pelas condições de relevo, ressalta a ausência de hiato na estratigrafia. É claro que esta pode ser tomada como um forte indício de continuidade de ocupação. Todavia, mais do que dependente da diacronia de ocupações, mais ou menos ininterruptas ou descontínuas, esse será um aspecto intrínseco, sim, a factores naturais inerentes às condições de formação de solos e, principalmente, de transporte e deposição de sedimentos. Quanto ao quadro pedológico presente, à generalizadamente fraca potência estratigráfica de solos que define os leptossolos, predominantes na região, presidem condições de criação que não propiciam um desenvolvimento rápido dos horizontes geológicos. Assim, se a ausência de hiato é um facto, não nos podemos alhear também do seu impacto na segregação de horizontes, bem como da probabilidade acrescida de mistura de materiais. Aliás, segundo Susana Jorge, em comentário pessoal a Dorcas Cruz (1993:207-208), a abundância de blocos de pedra no espaço extra M1/cam. 2, exumado em 1989/90 (onde se exumou a amostra cerâmica estatisticamente semelhante à da c. 3), "(...) *dificultou grandemente* o reconhecimento de mudanças estratigráficas mais subtis", considerando ainda D.Cruz que "este aspecto [terá], evidentemente, [influenciado] a constituição das amostras de objectos recuperados na escavação." Finalmente, a propósito de distúrbios, anote-se que este espaço se encontra situado na zona de acesso ao povoado e, como tal, na área provavelmente mais afectada pela recolha de pedra.

E quanto às datas de C¹⁴ obtidas e a obter, a manter-se *grosso modo* a distância entre as estimativas médias das datas n.ºs 4 e 5 supra citadas (c. 410 anos convencionais de C¹⁴), não poderá aquela distância ser uma manifestação de hiato entre o final da ocupação calcolítica e o início da ocupação Bronze?

Na verdade, a sobreposição parcial daquelas datas, no intervalo a 2 sigma e em 30 anos convencionais de C¹⁴, por volta de 1800 a.C. (ou em 57 anos de calendário solar, ao redor de 2200 A.C. cal.), apenas é possível graças aos excessivos desvios padrões previstos para ambas as datas, que, sendo de 120 anos e 100 anos, respectivamente, criam, a 95% de precisão, lapsos de probabilidades de 480 anos em anos convencionais de C¹⁴ (ou c. de 700 anos em calendário solar), para a data n.º 4, e de 400 anos de C¹⁴ (ou c. de 500 de calendário solar), para a data n.º 5, ao longo dos quais se encontrará *algures* a respectiva estimativa correcta. Mas lembre-se também que, pela distri-

buição teórica de probabilidades da curva normal, dentro da cada um dos intervalos às estimativas médias caberão, à partida, as maiores probabilidades de aí recaírem as estimativas correctas (Person 1987:103). Aliás, consultando tabelas específicas para cálculos de probabilidades, verificar-se-á que as probabilidades de estas se encontrarem dentro da referida sobreposição não excedem os 5 %, estatisticamente⁵.

Recorde-se, porém, que a possibilidade de a ocupação calcolítica poder ter ido II^o a.C. adentro, já foi averiguada e confirmada, ficando perfeitamente abrangida pelo limiar superior da data n.º 4. De facto, a presença hegemónica das organizações aditivas penteadas (V₃) e a tipologia morfológica, pela relativa abundância de calotes de esfera, pela presença do "S" longilíneo num ou outro perfil, pelas possíveis carenas médias e pelos raros fundos planos, podem indiciar uma pervivência de Cast. VI. II até momentos recentes do Calcolítico, já no primeiro quartel do II^o mil. a.C.

Quanto a Cast. VI III, a exumação dos carvões que originaram a data já conhecida ocorreu na área de combustão inserta na c. 2, junto à face externa de M1, em F7/G8, associada à qual se recolheram fragmentos "cogeces". Mais ainda, no nível de transição 2/3, ou seja, provavelmente na base da camada 2 *in situ*, foram exumados mais um fragmento "Cogeces" inciso e uma tacinha com bordo plano horizontal, decorado com impressões de unha, também de feição "Cogeces".

A questão que se levanta é, evidentemente, a de se saber se os fragmentos "cogeces" se encontram de facto ao nível da base da c. 2 *in situ*, nas zonas de boa potência estratigráfica a decapar no futuro. É que, muito embora não pareça muito verosímil um longo hiato entre Cast. VI. II e Cast. VI. III, se assim for, então o início desta ocupação de Castelo Velho poderá ter-se cingido aos meados do II^o a.C., ou seja, aos séculos XVI e XIV a.C., o que fica perfeitamente abrangido pelo limiar superior do intervalo de probabilidades da data em questão. De resto, como se anotava acima, a coexistência de decorações plásticas com as cerâmicas "Cogeces", presente em Castelo Velho, encontra frequentes paralelos na Meseta. *La Loma del Lomo* e *Los Tolmos de Caracena* são apenas alguns exemplos e desta última estação procede precisamente uma data que a situa também nos séculos XV-XIV a.C.

Assim sendo, poderá ter-se verificado um hiato considerável entre as duas ocupações que, embora não tenha garantido a sua selagem, terá permitido a "consolidação" da deposição da 2^a ocupação calcolítica e a salvaguarda da sua integridade em relação ao nível de ocupação seguinte, e propiciado a degradação

⁵ Orton 1988:97-98; Renfrew e Banh 1991:121-129; Shennan 1992:112-117.

nível de ocupação seguinte, e propiciado a degradação sem restauro das estruturas pétreas calcolíticas.

Quando a nova comunidade ali se instalou, as pequenas estruturas circulares já se encontrariam arruinadas, bem como alguns troços da muralha parcialmente desmoronados. A propósito, recorde-se os indícios de uma certa fragilidade de raiz do pano Leste da M1. Com efeito, admitindo o papel contrafortante dos muros radiais, a presença de três deles aí mesmo, poderá sugerir uma zona de estabilidade crítica que os mesmos não conseguiram obstar, evitando o derrube documentado em planta (Jorge 1993:Est. VI).

4. DISCUSSÃO FINAL

É claro que todos estes argumentos, já aduzidos no trabalho supra citado, constituem uma *low level theory* (Trigger 1990:21) que se limita a tentar provar por meios de estratigrafia, proporções e datação de C^{14} , que entre Cast. VI. II e Cast. VI. III não houve continuidade cultural de ocupação. Nesse sentido, remete para a existência de distúrbios a justificação da presença de materiais com afinidades calcolíticas, nomeadamente, com decoração penteada no nível Bronze, e recusa admitir outras possibilidades de resposta, por exemplo de foro comportamental, tais como descartes destrutivos seleccionados ou uma hipotética documentação de segregação espacial de manipulação de tipos cerâmicos, para as variações espaciais da sua distribuição.

Ainda assim, admitindo que tais razões culturais estiveram presentes, como alhearmo-nos do provável peso das vicissitudes naturais e antrópicas presentes nas condições de formação da jazida de Cast. VI. III e na criação do seu registo?

Uma proporção existe na razão de um todo.

O todo em Castelo Velho III. Vejamos então o que na sua amostra é indiscutível e importa sublinhar.

Diversidade será a palavra-chave. Uma diversidade que se expressa na enorme variabilidade da sua estratigrafia, mas também na distribuição espacial e estratigráfica de materiais. Um *corpus* cerâmico que se prima por um enorme índice de fragmentação e é maioritariamente liso, prima também pela heterogeneidade das suas características técnicas e estilísticas. Aqui coexistem a decoração penteada de tradição calcolítica e decorações pláticas e incisas comuns a alguns facies do Bronze da Meseta. Quanto às características técnicas, a fraca robustez cerâmica, confirmada por Teresa Seixas, e a sua maior propensão para o frac-

cionamento abundante e deterioração é testemunhado pelos calibres médios dos fragmentos. Na c. 3 este atinge os 1160 mm², enquanto que na c. 2, ele não excede os 946 mm². Ainda assim, o efectivo de cerâmica exumado é francamente inferior ao da c. 3, numa proporção de 1/3, parecendo este ser um denominador comum às várias campanhas já realizadas.

Todavia, apelando para a variabilidade espacial já anotada, tal poderá dever-se à deposição de materiais algures em espaço ainda não escavado. Afinal, em Arqueologia "(...) *the absence of evidence is [not] evidence for absence*" (Schiffer 1991: 356).

Ou então, terá sido devido à manipulação de um efectivo bastante menor de recipientes, fruto de uma ocupação menos intensa (aleadamente devido a uma queda demográfica, segundo Dores Cruz), ou ainda devido a uma ocupação menos duradoira, em consonância com a sensação de pouca durabilidade adquirida e transmitida pelos vários investigadores que vão tropeçando em contextos "Cogeces". Assim se compreenderá a elevada percentagem de cerâmica penteada em relação à cerâmica relevada e incisa deste nível de ocupação. Aliás, bem vistas as coisas e independentemente da amplitude dos descartes totais dos habitantes do Bronze, os c. de 42% de cerâmica penteada entre os fragmentos decorados da c.2 poderão tornar-se num argumento verdadeiramente frágil quando atendemos ao facto de a cerâmica desta mesma camada ser maioritariamente lisa, o que também terá propiciado uma sobrevalorização proporcional daquela decoração entre o espólio decorado do Bronze.

A propósito, como nos aconselha Henry Rouanet (*et al.*), (*op. cit.*, p. 236), "é sempre boa regra" não perder de vista as frequências absolutas: "*pensa-se sobre frequências relativas, mas trabalha-se sobre frequências absolutas*". A luz deste princípio, quantos aos 165 fragmentos penteados que se contabilizam nos c. de 42% em causa, se não se tornam fenómenos sobremaneira episódicos, não serão eles de validade dúbia para conferir qualquer robustez à hipótese da continuidade cultural entre os níveis de ocupação Calcólíticos e Bronze, baseada na pervivência ao nível das cerâmicas comuns? Também afinal, a presença de evidência, em si, não deverá constituir evidência por presença do que quer que se queira inferir.

Realidade caleidoscópica esta, a do registo arqueológico. E se, literariamente, o *eufemismo* até nos falará de "*populações enviesadas*", o *disfemismo*, metaforicamente, evoca-nos o "*palimpsesto*": a imagem do documento que se lavrou e apagou, e se tornou a escrever, e a apagar, e a re-escrever, e...

BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, M.T. (1993): Jazida de Castelo Velho (Freixo de Numão). Elementos arqueozoológicos, in *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. VI, T.A. E., vol. XXXVI (fasc. 2), pp. 451-456.
- BOTELHO, I.J. (1996): *Dos cacos e dos vasos. O "Castelo Velho" de Freixo de Numão, na Charneira de IIIº/IIº mil. a.C. Contributo para o estudo da cerâmica pré-histórica de Castelo Velho*, Porto, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Trabalho Policopiado.
- CAVALHEIRO, A.; CARVALHO, J. (1993): Descrição resumida dos trabalhos de prospecção geofísica realizados em Castelo Velho, in *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. I, T.A.E., vol. XXXIII (fasc. 1-2), pp. 221.
- CRUZ, Mª das D. (1993): *Significado Social da Cerâmica Doméstica. Fundamentos para uma Classificação Tipológica da Cerâmica de Castelo Velho (Freixo de Numão)*, Porto, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Trabalho Policopiado.
- FABIÁN GARCÍA, F. (1993): La secuencia cultural durante la prehistoria reciente en el sur de la Meseta Norte española, in *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. I, T.A.E., vol. XXXIII (fasc. 1-2), pp. 145-178.
- FIGUEIRAL, I. (1993): Castelo Velho - Análise antracológica (1º relatório), in *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. I, T.A.E., vol. XXXIII (fasc. 1-2), pp. 217-220.
- HODDER, I. e C. Orton (1990): *Análisis Espacial en Arqueología*, Barcelona, Editorial Crítica, 1ª ed. inglesa 1976.
- JORGE, S.O. (1986): *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves- Vª Pouca de Aguiar*, Porto, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras do Porto, 2 vol.s.
- JORGE, S.O. (1993): *O povoado do Castelo Velho (Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa) no contexto da Pré-História Recente do Norte de Portugal*, in *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. I, T.A.E., vol. XXXIII (fasc. 1-2), pp. 179-216.
- JORGE, S.O. (1994): Colónias, Fortificações, Lugares Monumentalizados. Trajectória das Concepções sobre um Tema do Calcolítico Peninsular, *Revista da Faculdade de Letras*, II série, vol. XI, Porto, pp. 447-546.
- LÓPEZ PLAZA, S. (1994): El Alto del Quemado, poblado calcolítico fortificado en el SO de la Meseta Norte española, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, vol. II, Lisboa, Ed. Colibri, pp. 201-214.
- MURALHA, J. (1996): *Materiais Líticos e Cerâmicos de Castelo Velho de freixo de Numão. Continuidades e Descontinuidades: uma proposta de abordagem estatística*, Porto, Tese de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Trabalho Policopiado.
- ORTON, C. (1988): *Matemáticas para Arqueólogos*, Madrid, Alianza Universidad, (1ª ed. 1980).
- PERSON, G.W. (1987): How to cope with calibration, *Antiquity* 61, pp. 98-103.
- RENFREW, C. e Bahn, P. (1991): *Archaeology: Theories, Methods and Practice*, London, Thames and Hudson Ltd.
- ROUANET, H. et al. (s/d.): *Processos Naturais em Estatística nas Ciências Humanas*, Porto, Rés-Editora.
- ROWLETT, R.M.; Robbins, M.C. (1982): Estimating original assemblage content to adjust for post-depositional vertical artifact movement, *World Archaeology*, 14-1, pp. 73-83.
- SCHIFFER, M.B. (1991): *Formation Processes of the Archaeological Record*, Albuquerque, University of New Mexico Press, (1ª ed. 1987).
- SEIXAS, Mª.T. (1992): *Caracterização Mineralógica e Estrutural de Cerâmicas Pré-Históricas do Povoado de Castelo Velho*, Relatório apresentado à Cadeira de Pré-História Recente Peninsular: Variabilidade Regional, (trabalho dactilografado).
- SENNA - MARTINEZ, J.C. de (1993): A ocupação do Bronze Pleno da "Sala 20" do Buraco da Moura de S. Romão, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, vol. I, Lisboa, Ed. Colibr, pp. 55-75.
- SHENNAN, S. (1992): *Arqueología Quantitativa*, Barcelona, Editorial Crítica, (1ª ed. inglesa 1988).
- TRIGGER, B.G. (1990): *A History of Archaeological Thought*, Cambridge, Cambridge University Press, (1ª ed. 1989).